

Lixo ameaça vida na foz do Rio Doce

A Expedição Álvaro Aguirre, realizada no início deste mês, fez um inventário dos problemas que afetam a conservação ambiental do rio em terras capixabas

NILO TARDIN

O lixo devolvido pelo mar domina a extensa faixa litorânea na foz do Rio Doce, em Regência, a ponto de encobrir cerca de 12 quilômetros de praia na Reserva de Comboios, tornando-se uma séria ameaça à vida marinha e à saúde do povo ribeirinho.

Sacos plásticos, pedaços de isopor e objetos estranhos foram encontrados no estômago de tartarugas e até baleias mortas, testemunha o biólogo do Projeto Tamar Juarez Scalfoni, 41 anos, gerente da Reserva de Comboios.

“O lixo é um poluente que pode ser ingerido pelos animais marinhos, levando-os à morte. Sem contar o efeito estético provocado pelo acúmulo na orla. O perigo maior está na contaminação química invisível que afeta a qualidade ambiental”, analisa Scalfoni, sugerindo um trabalho integrado entre prefeituras para atenuar o problema.

Campeões da sujeira

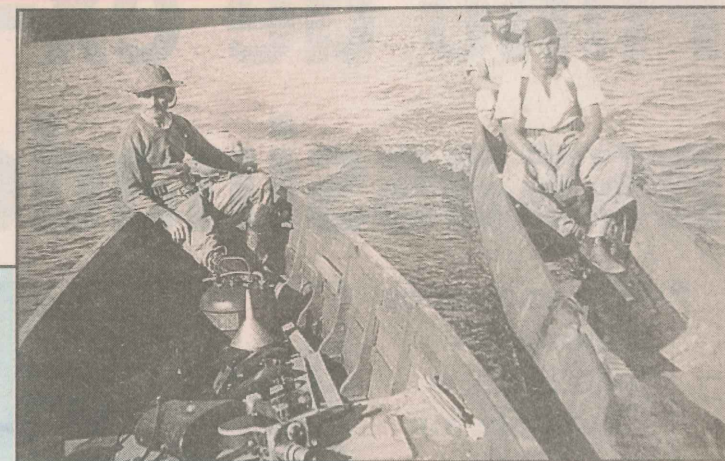
Já coordenador do Projeto Ecocidadania/Petrobrás, Carlos Sangália, imagina que, empilhado, somente o lixo doméstico atirado na área de Regência equivaleria a uma montanha do tamanho de um prédio de cinco andares. Sapatos, chinelos, frascos de remédios e agrotóxicos e garrafas pet são os campeões da sujeira.

“Assim como rio carrega nutrientes fertilizando o solo, também traz esse malefício. É preciso um trabalho de conscientização dos moradores ribeirinhos e um rígido controle do Poder Público para acabar com as descargas de lixo que entopem a orla”, disse Sangália.

Os problemas que afetam a conservação ambiental do Rio



Fotos de Nilo Tardin



HOMENAGEM

A expedição resgatou a memória de Álvaro Aguirre (E), estudioso da fauna e flora do Vale do Rio Doce, e constatou a grande quantidade de lixo no manancial, até a foz

Grupo fica encantado com biodiversidade

Os estudantes de biologia da Ufes, Maurício Dan e Felipe Zamborlini; os escaladores de árvores Altaide Rosa, Sebastião Pereira, e Rodrigo José dos Santos conviveram durante quatro dias na busca de ramos, flores e frutos arbóreos e rasteiros destinadas ao Herbário da Ufes.

A mata de aluvião chega a abrigar cerca de 200 espécies vegetais por hectares, estimou Felipe Zamborlini, que conta os procedimentos de armazenagem do material retirado da flora do Rio Doce. “As plantas são desidratadas em estufas durante uma semana. Depois de catalogadas, são arquivadas na sala climatizada do herbário em fase de revitalização”, acentuou.

Maurício Dan vê no desflo-



“Assim como rio carrega nutrientes fertilizando o solo, também traz esse malefício. É preciso um trabalho de conscientização dos moradores ribeirinhos e um rígido controle do Poder Público para acabar com as descargas de lixo que entopem a orla”, disse Sangália.

Os problemas que afetam a conservação ambiental do Rio Doce em terras capixabas foram inventariados pela Expedição Álvaro Aguirre, missão científica realizada no início deste mês. A Carta de Regência, divulgada na última semana, encoraja novas jornadas para o recolhimento de sementes e mudas de espécies florestais para catalogação no Herbário da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Documento

Trecho da Carta de Regência

“...Como resultado do trabalho da Expedição Álvaro Aguirre, será inaugurada no Herbário da Ufes uma coleção específica das espécies florestais que ocorrem no Rio Doce que, para se completar, dependerá de pelo menos oito novas jornadas, nos próximos dois anos. Daí a responsabilidade das instituições participantes em prosseguirem unidas. Essa união, inspirada na perseverança de Álvaro Aguirre, deve se materializar na formação de um núcleo permanente de estudos, no qual os diferentes saberes e experiências possam somar-se em favor da causa do Rio Doce”.



A riqueza da mata admirou os 30 integrantes da expedição. A equipe identificou 24 espécies vegetais das matas de Cabruca, como as sementes de peloteira



O guapuruvu é uma das variedades de valor ecológico encontradas ao longo das margens do rio. A espécie pode chegar a até 30 metros de altura

Caça e roubo de palmito dentro de reserva

A descida ecológica reservou momentos nada agradáveis para a equipe de exploração. Ao passar pelas margens da Floresta Nacional dos Goytacazes, em Linhares, foi fácil perceber a agressão ao meio ambiente. A reserva vem sendo atacada pelo roubo de palmito, caça predatória e derrubada de árvores para extração de madeira.

A bióloga Juliana Agnezi, 24 anos, cita a *Graziladendron riodocense*, árvore nativa e uma das mais visadas pelos agressores da natureza. A re-

serva possui 1.350 hectares. “São os únicos remanescentes estaduais da Mata de Tabuleiro de Aluvião”.

Já no Rio Doce, a ocupação humana e o desmatamento de áreas para dar lugar a plantações e pastagens são as principais fontes para a degradação indiscriminada. O tempo encoberto e as frequentes tempestades dificultaram os trabalhos de investigação e coleta de sementes.

Através da coleta de espécimes da fauna e da flora local, os ambientalistas que

participaram da expedição esperam apresentar soluções para conservar o manancial e proteger a mãe natureza.

A caravana náutica e terrestre partiu da Barra do Manhuaçu, em Minas Gerais, percorrendo 220km do manancial. A viagem foi marcada pela presença constante do lixo e do esgoto até a desembocadura no Oceano Atlântico.

A riqueza das matas deixou admirados os 30 integrantes da missão. A equipe de coleta identificou 24 espécies vegetais, em especial, das matas de

Cabruca – sistema de cultivo de cacau sombreado pela Mata Atlântica original. Entre as variedades de valor ecológico, estão o coco da sapucaia, a carrapeta, peloteiras e o guapuruvu – que pode chegar até a 30 metros de altura.

Algumas orquídeas e bromélias foram selecionadas para estudos. Na Ilha do Pau Grosso, de 260 hectares no meio do Rio Doce, em Linhares, vive o maior jequitibá rosa, árvore símbolo do Espírito Santo, da região com 9,5m de diâmetro, cerca de 35m de altura e 70m de copa.

abrigar cerca de 200 espécies vegetais por hectares, estimou Felipe Zamborlini, que conta os procedimentos de armazenagem do material retirado da flora do Rio Doce. “As plantas são desidratadas em estufas durante uma semana. Depois de catalogadas, são arquivadas na sala climatizada do herbário em fase de revitalização”, acentuou.

Maurício Dan vê no desflorestamento a grande ameaça para o aniquilamento de plantas raras ou sequer conhecidas da ciência. O tamanho do exemplar da bromélia *Tillandsia sp* chamou a atenção dos jovens cientistas. “Estamos acostumados a ver plantas menores dessa espécie. Esse exemplar é bem maior”, disse Maurício

A exuberante selva do Rio Doce sempre despertou o interesse do mundo científico e econômico desde o século 16. A maioria das plantas foi retirada de árvores altas exigindo esforço redobrado dos escaladores.

A iniciativa de colecionar folhas, flores e frutos da flora Rio Doce partiu da Associação Colatinense de Defesa Ecológica (Acode), Mosteiro Zen Budista e Instituto Terra, de Aimorés (MG). A expedição homenageou o cientista capixaba Álvaro Aguirre (1889 a 1987), criador da Reserva de Sooretama, em 1943.

“A expedição resgatou a memória de Álvaro Aguirre e estudou a mata ciliar do Rio Doce. Reparou no meio e modo de vida da população ribeirinha, bastante ressentida com a falta de atenção governamental”, advertiu os historiadores José Lino Galvão e Regina Aurich, da coordenação do evento.



MOMENTOS

A Ilha do Pau Grosso, em Linhares, abriga um jequitibá rosa com 9,5 metros de diâmetro; a pesca artesanal no Rio Doce está ameaçada pela poluição; o lixo do rio que é devolvido pelo mar com as marés já atinge uma extensão de 12 quilômetros na foz